

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
Curso de Licenciatura em Filosofia

Fernando Pereira dos Santos

A ARTE DE GOVERNAR NA OBRA *O PRÍNCIPE* DE NICOLAU
MAQUIAVEL

cod
C-100
S 237a

IC-ESP - Biblioteca	
J3.411	29/07/2021

Teresina

2019

FERNANDO PEREIRA DOS SANTOS

**A ARTE DE GOVERNAR NA OBRA *O PRÍNCIPE* DE NICOLAU
MAQUIAVEL**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de
Filosofia do Instituto Católico de Estudos
Superiores do Piauí para a obtenção do grau de
licenciado, sob orientação do Prof. Dr. Pe.
Possidônio Ferreira Barbosa Júnior.

Teresina
2019

SANTOS, Fernando Pereira dos.

A arte de governar na obra O Príncipe de Nicolau Maquiavel
/ Fernando Pereira dos Santos– Teresina – PI, 2019. 40p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Católico
de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI, Curso de Licenciatura em
Filosofia, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Possidônio Ferreira Barbosa Júnior

1. O Príncipe. 2. Maquiavel. 3. Fortuna. 4. Virtú. Título – Instituto
Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI.

CDD 100

Fernando Pereira dos Santos

**A ARTE DE GOVERNAR NA OBRA *O PRÍNCIPE* DE NICOLAU
MAQUIAVEL**

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
Curso de Licenciatura em Filosofia

Aprovado em: ____/____/____

Banca examinadora

Prof. Dr. Pe. Possidônio Ferreira Barbosa Júnior - ICESPI - PI
Orientador

Prof^ª. Dr. Ana Beatriz Martins dos Santos Seraine - UFPI - PI
Examinadora

Prof. Dr. Raimundo Batista dos Santos Junior - UFPI - PI
Examinador

DEDICATÓRIA

A Deus,

A Diocese de Picos na pessoa do seu bispo Exmo. Rev. Dom Plínio José Luz da Silva.

A todos amigos e amigas do seminário.

A minha família base de um amor eterno.

Aos meus irmãos e amigos que comigo trilham esse belo caminho.

AGRADECIMENTOS

A graça Deus é sempre derramada no seio da humanidade a todo instante, hoje, rendo graças a Deus por essa vitória que conquistei, fruto de muito trabalho e esforço no campo intelectual, essa vitória é ofertada a Deus, pois se não tivesse um auxílio divino nessa jornada intelectual, tenho certeza que minha pequenez humana não conseguiria dar conta.

O amor de Deus é uma viagem misteriosa, eu não partirei se ele não tomar a iniciativa, e foi assim através desse incentivo que ele me chamou e ganhou meu coração. Por isso, em primeiro lugar meu agradecimento é para ele, pois Deus é a razão na minha existência e da minha vocação.

Agradeço de modo especial minha mãe Aluzilânia Pereira Santos (*in memoriam*) pois foi essa mulher que me deu a vida, que me deu amor, que me confortou até os últimos instantes de sua vida, ensinando e zelando pela minha educação para que eu crescesse e me tornasse o homem que sou hoje. Digo minha mãe que seus sacrifícios não foram em vão, suas noites em claro de trabalho, seu suor de cassaco exaustivo, e seu choro de saudades que tantas vezes senti em meu coração, hoje eu digo ao mundo inteiro que tenho orgulho de ser seu filho. Agradeço a minha avó materna Maria Ducarmo, que me criou com amor e carinho para que eu me tornasse um bom homem. Expresso minha gratidão a minha família que com carinho abraçaram minha decisão de se doar a serviço do reino de Deus.

Agradeço a Diocese de Picos na pessoa do seu bispo Exmo. Rev. Dom Plínio José Luz da Silva, que desde o princípio investiu profundamente em minha vocação. Agradeço o amor e a atenção dos padres Flavio Sousa Santiago, Sebastião Francisco dos Santos e Francisco de Assis Sousa, que me inspiraram a mim entregar de corpo e alma ao chamado de Deus, sou feliz por tê-los como exemplos vivos em minha vida vocacional.

Agradeço aos meus formadores que durante esses três anos de formação nesta casa foram meus pés e meus olhos para o caminho ministerial, padres vocês foram muito importantes para minha vida, digo sem medo de errar ou me equivocar, vocês formaram um homem melhor para a Igreja e para a sociedade, fui transformado através de suas mãos e de seus testemunhos enriquecedores de suas vidas.

Rendo graças a Deus pelos meus professores que compõem o corpo docente do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI), que sem hesitar esforço algum me deram a chance de olhar para o mundo com os olhos filosóficos para poder responder e resolver os problemas existenciais do universo.

Quero expressar meu sentimento de gratidão a meus orientadores que me conduziram nessa arduosa jornada de estudos e de pesquisa que Deus possa vos retribuir pelo grande bem que vocês me fizeram.

Agradeço a convivência fraterna com os meus irmãos de caminhada, de modo particular a meus irmãos seminaristas da Diocese de Picos em especial a Francisco de Assis, que é para mim um exemplo vivo de humildade, simplicidade e de pureza de coração, ao Maurício Pereira, Tenório Neto, Felipe Afonso e Carlos César, meninos esses que não chamo apenas de amigos seminaristas mais sim de filhos, pois no meu coração criei um sentimento paternal por eles, meus filhos, sejam fieis pois se seu pai conseguiu vocês também irão conseguir.

Agradeço, enfim, a todos os meus amigos que, de alguma forma, apoiaram meus passos na vocação sacerdotal.

Do mais profundo do meu ser!

Este trabalho apresenta uma análise crítica da obra de Maquiavel, intitulada "O Príncipe", publicada em 1532. O autor, Niccolò Machiavelli, nasceu em Florença em 1469 e morreu em 1527. A obra "O Príncipe" é um tratado político que discute a natureza do poder e a conduta do governante. Maquiavel defende que o governante deve agir de acordo com a realidade, e não com ideais morais. Ele argumenta que o fim justifica os meios, e que o governante deve ser capaz de usar a força e a astúcia para manter o poder. A obra "O Príncipe" é considerada uma das mais importantes obras de política da Renascença. Ela influenciou profundamente a teoria política e a prática do governo. Maquiavel é frequentemente citado como o pai da ciência política moderna. A obra "O Príncipe" é um tratado político que discute a natureza do poder e a conduta do governante. Maquiavel defende que o governante deve agir de acordo com a realidade, e não com ideais morais. Ele argumenta que o fim justifica os meios, e que o governante deve ser capaz de usar a força e a astúcia para manter o poder. A obra "O Príncipe" é considerada uma das mais importantes obras de política da Renascença. Ela influenciou profundamente a teoria política e a prática do governo. Maquiavel é frequentemente citado como o pai da ciência política moderna.

Palavras-chave: O Príncipe, Maquiavel, Política, Virtude.

"Devemos muito a Maquiavel e a outros
que escrevem o que os homens fazem, e não o
que deveriam fazer".

Francis Bacon

RESUMO

Esta análise objetiva tem como propósito apresentar o pensamento filosófico na área da filosofia Política de Nicolau Maquiavel (1469-1527), a partir de sua principal obra "*O Príncipe*". Maquiavel viveu no contexto humano renascentista que na qual foi de suma importância em sua formação intelectual, e posteriormente para o seu pensamento político. Maquiavel assume o exercício do cargo de secretário da Segunda Chancelaria de Florença, onde o mesmo acumulou uma vasta experiência e maturidade na vida política que tanto o encantava. Contudo, Maquiavel possuía um coração aventureiro onde o mesmo se lançava as viagens nacionais e internacionais, para que pudesse vislumbrar a ação governamental de outros territórios, pois essas viagens e esses aprendizados serão de sua importância para elaborar uma nova visão do exercício e manutenção do poder, que na qual, o conceito de Fortuna e Virtú possuirá um papel fundamental para essa nova visão governamental. Para que o objetivo da pesquisa fosse alcançado estruturamos o trabalho da seguinte forma: no primeiro capítulo trataremos a desmistificação do pensamento maquiaveliano, no segundo veremos a arte de governar a partir da Fortuna e Virtú de Maquiavel, e no terceiro trabalharemos as ressonâncias da arte de governar no campo contemporâneo.

Palavras-chave: O Príncipe, Maquiavel, Fortuna, Virtú.

ABSTRACT

This objective analysis aims to present the philosophical thinking in the area of Political philosophy of Nicholas Machiavelli (1469-1527), from his main work "The Prince". Machiavelli lived in the Renaissance human context in which he was of paramount importance in his intellectual formation, and later for his political thinking. Machiavelli takes up the post of secretary of the Second Chancellery of Florence, where he has accumulated vast experience and maturity in the political life that so enchanted him. However, Machiavelli had an adventurous heart in which national and international travels were launched, so that he could glimpse the governmental action of other territories, as these trips and these lessons will be of importance to elaborate a new vision of the exercise and maintenance of power. which in which the concept of Fortune and Virtue will play a key role in this new government vision. In order to achieve the objective of the research we structured the work as follows: in the first chapter we will deal with the demystification of Machiavelli thought, in the second we will see the art of governing from Machiavelli's Fortuna and Virtú, and in the third we will work the resonances of the art of Machiavelli. rule in the contemporary field

Key words: The Principie, Machiavelli, Fortune, Virtue.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A DESMISTIFICAÇÃO DO PENSAMENTO MAQUIAVELIANO	13
2.1. Maquiavel a partir do contexto histórico	13
2.2. A concepção do pensamento maquiaveliano	18
3. ARTE DE GOVERNAR A PARTIR DA FORTUNA E VIRTÚ DE MAQUIAVEL.....	24
3.1. A presença da Fortuna e Virtú na obra O Príncipe	24
3.2. A presença da Fortuna e Virtú na ação do governante	27
4. AS RESSONÂNCIAS DA ARTE DE GOVERNAR NO CAMPO POLÍTICO CONTEMPORÂNEO	32
4.1. Governar a partir do cenário político contemporâneo	32
4.2 A presença do pensamento maquiaveliano no cenário político brasileiro. 35	
5. CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico tem como objetivo estudar a *Arte de Governar* a partir da obra *O Príncipe* (1513) de Maquiavel, um dos mais importantes filósofos da ciência do século XV e XVI.

Durante este trabalho acadêmico serão apresentados os devidos aspectos importantes para se compreender o pensamento político de Maquiavel. Antes de tudo somos convidados a refletir o seguinte problema, como compreender, na obra *O Príncipe* de Maquiavel, a arte da governar sem cair no fracasso?

Natural de Florença, Maquiavel (1469-1527) em sua jovialidade começa vislumbrar o poderoso campo político que se fazia presente em sua nação, tendo em vista que as formas de governo presentes no quadro político demonstravam uma certa vulnerabilidade, que se não sanadas poderia levar a qualquer governante ao fracasso. Ao pensar o bom exercício do poder, o secretário florentino consegue perceber uma nova formação do Estado-nação que ainda estava em processo de desenvolvimento, com isso, há um novo conceito da arte de governar no contexto do Renascimento na Europa, introduzindo novos conceitos e modos de manter-se no poder. Pois até então, fazia-se presente conceitos antigos de governar com a poderosa influência de Platão, Aristóteles e Santo Tomás de Aquino.

Maquiavel, afasta-se, assim dos clássicos para discorrer seu pensamento na trilha inaugurada pelos historiadores antigos (Tácito, Tucídides, Tito Lívio, Políbio) donde brotou a inspiração para a formação de seu pensamento metodológico de descrição das histórias do poder e das formas de governar. Ocupando o cargo de secretário da Segunda Chancelaria da República florentina teve a chance de observar as relações de poder nos diversos lugares em que passou em missão, seja no próprio país, a Itália, seja no exterior, o que lhe garantiu experiência e o ajudou a construir uma nova perspectiva política cujo o fim é a obtenção e conservação do poder em seu principado.

Preso a mando dos Médici, poderosa família aristocrata italiana, por suspeita de conspiração, afastado da vida pública, Maquiavel passa seus últimos anos numa casa de campo na comuna de San Casciano próximo a sua cidade natal. É nesse período que ele se dedica a escrita de *De Principatibus* ou como ficou conhecido, *O Príncipe*. Composta por 26 capítulos, a obra foi um presente a Lourenço II Médici, membro da poderosa família italiana dos Médici que naquele momento detinha o governo na cidade. com o propósito de conquistar seus favores e assim retornar a ação política que tanto o agradava. Mas seus gestos e seu jogo

de interesse foram em vão: Lourenço não se entusiasmou pela sua obra e o autor florentino passou a viver uma profunda e amargosa frustração em seu desejo de retorno às glórias do passado de secretário da Segunda Chancelaria. *O Príncipe* foi publicado posteriormente. Talvez nunca viria a imaginação de Maquiavel o tamanho impacto que sua obra causaria na compreensão do perfil do governante nas gerações posteriores.

Maquiavel nasceu em Florença, Itália, no ano de 1469, precisamente no início do Renascimento. O XV e o XVI da Antiga Florença, portanto, foram séculos de vitalidade política. Período esse, que a história nos apresenta como um dos mais importantes para os governantes não apenas do mundo ocidental, mas também do mundo inteiro.

É nesse período que se viveu o auge da república de Florença, sob o governo de Cosme de Médici, o Grande, e de seu filho, Lorenzo, o Magnífico. Foi nesse período que Maquiavel, ao lado de outros grandes nomes da cultura florentina, participou ativamente da vida política e cultural da cidade. Foi nesse período que Maquiavel escreveu *O Príncipe*, uma obra que se tornou um dos mais importantes tratados de política da história da humanidade.

Maquiavel não pertence à aristocracia florentina, embora sua família, embora não seja uma das mais importantes da cidade, não seja considerada uma família pobre. Sua família pertence à classe média da sociedade florentina, e Maquiavel, ao contrário de muitos outros membros da aristocracia, não possui uma educação humanista. No entanto, Maquiavel é um homem muito culto e muito inteligente. Ele possui uma visão muito clara da realidade política e social da Florença, e isso é refletido em sua obra. Maquiavel é um homem muito realista, e isso é refletido em sua obra. Maquiavel é um homem muito inteligente, e isso é refletido em sua obra.

Maquiavel não pertence à aristocracia florentina, embora sua família, embora não seja uma das mais importantes da cidade, não seja considerada uma família pobre. Sua família pertence à classe média da sociedade florentina, e Maquiavel, ao contrário de muitos outros membros da aristocracia, não possui uma educação humanista. No entanto, Maquiavel é um homem muito culto e muito inteligente. Ele possui uma visão muito clara da realidade política e social da Florença, e isso é refletido em sua obra. Maquiavel é um homem muito realista, e isso é refletido em sua obra. Maquiavel é um homem muito inteligente, e isso é refletido em sua obra.

A primeira vez que Maquiavel participou de uma atividade política foi no ano de 1494, quando, com apenas 25 anos, foi nomeado secretário da Segunda Chancelaria. Foi nesse período que Maquiavel escreveu *O Príncipe*, uma obra que se tornou um dos mais importantes tratados de política da história da humanidade.

Maquiavel não pertence à aristocracia florentina, embora sua família, embora não seja uma das mais importantes da cidade, não seja considerada uma família pobre. Sua família pertence à classe média da sociedade florentina, e Maquiavel, ao contrário de muitos outros membros da aristocracia, não possui uma educação humanista. No entanto, Maquiavel é um homem muito culto e muito inteligente. Ele possui uma visão muito clara da realidade política e social da Florença, e isso é refletido em sua obra. Maquiavel é um homem muito realista, e isso é refletido em sua obra. Maquiavel é um homem muito inteligente, e isso é refletido em sua obra.

2 A DESMISTIFICAÇÃO DO PENSAMENTO MAQUIAVELIANO

2.1 Maquiavel a partir do Contexto Histórico

Para nos debruçar no pensamento Maquiaveliano somos instigados a nos remeter ao mundo histórico-político italiano, mais precisamente na linha crono-histórica dos séculos XV e XVI da Antiga Florença, marcada por crises e estabilidade política. Período esse, que a política se encontra criticamente fragilizada pois os governantes não estavam concretizando mais a sua ação de governo e logo eram levados ao fracasso.

É nesse panorama de crise econômica e política que Nicolau Maquiavel vem à luz, no dia 03 de maio de 1469 em Florença, filho de Bernardo, advogado pertencente aos ramos mais pobres da nobreza toscana. Percebe-se de certo modo que Maquiavel, já nasce no berço político onde bebe das fontes de estudos humanistas, políticos, sociais, e culturais que lhe eram oferecidos pela sociedade florentina. Como nos é relatado por Maquiavel

Maquiavel não pertencia à aristocracia florentina, embora sua família estivesse entre as mais antigas da cidade. Seu pai Bernardo era “doutor em leis”, mas não conseguiu amealhar fortuna como muitos de sua condição. Tendo vivido sempre de maneira modesta e mesmo com dificuldades, ele transmitiu ao filho o grande amor pelos livros e pelas coisas do passado. Na casa de Maquiavel o grande luxo eram os volumes de Tito Lívio, historiador romano que era uma referência obrigatória para todos os jovens que se iniciavam no movimento humanista que imperava no período. (MAQUIAVEL, 1999, p. 09)

Nesse contexto, se traçava o destino do pensador do italiano, onde ao folhear que ao folhear as páginas dos escritos históricos, mal sabia ele que futuramente passaria de leitor para um dos maiores autores da história italiana. Maquiavel crescia e via grandiosas famílias italianas ocuparem aos mais altos cargos da Florença, mas foram esses mesmos olhos que contemplaram a queda do fracasso do frade Girolamo Savonarola, da família dos Médici, e dos Bórgias, enfim, de várias pessoas que perderam o seu conforto e sua posição social.

A primeira vez que ouvimos falar dos relatos da participação de Maquiavel no mundo político, foi no ano de 1498, quando o mesmo tinha 29 anos, momento esse, que o regime controlado pelo frade Girolamo Savonarola¹ foi totalmente destruído. Com a queda de Savonarola do cargo mais alto do governo de Florença, surge enfim, uma oportunidade única

¹ Girolamo Savonarola frade dominicano que governou a Florença nos anos de 1494 à 1498, com seus sermões proféticos que haviam dominado o campo político florentino. Preso e morto por heresia em 23 de maio de 1498, enforcado e, só então, incinerado na Piazza della Signoria, no centro de Florença.

para que Maquiavel possar no campo político florentino como um possível candidato a ocupar o cargo da segunda chancelaria florentina deixado pelo então chanceler Alessandro Braccesi, como nos relata Skinner

De início o cargo ficou vago, mas, após várias semanas de adiamento, foi proposto o nome quase desconhecido de Maquiavel como possível substituto. Ele mal tinha completado 29 anos e, ao que parece, não possuía nenhuma experiência administrativa anterior. No entanto, sua indicação passou sem dificuldades, e em 19 de junho foi devidamente confirmado pelo grande conselho como segundo chanceler da república florentina. (SKINNER, 2012, p. 11)

Assim, a ruína e morte do frade na fogueira, depois de uma longa e vasta disputa com o papado de daria início a uma nova era no governo renascentista de Florença. Contudo, Maquiavel toma posse de um dos cargos mais bem vistos da sociedade de Florença, adentrando assim, no campo político italiano, fruto de muito trabalho e de resultados solidificados de sua formação.²

Durante todo esse tempo de serviços prestados a república como chanceler, Maquiavel viveu momentos frutuosos de sua vida, tornando-se responsável para lidar com as correspondências que competiam ao setor administrativo do território florentino, além de atender e participar do concelho dos dez, grupo esse responsável pela relação externa e diplomática da república de Florença.

Pela carência política o então chanceler de Florença, ver a necessidade de vislumbrar os meios políticos das outras cidades italianas, favorecendo-se assim, uma riqueza de conhecimento e uma maturidade mais aguçada no campo político e administrativo. Com isso, Maquiavel começa a conhecer e fazer suas missões diplomáticas nas cidades italianas a partir do ano 1500, ao reinado de Luís da França.

Sua primeira oportunidade de participar desse tipo de missão surgiu em junho de 1500, quando ele e Francisco della Casa receberam a missão de “ir o mais rápido possível” a corte de Luís XII da França (L70). A decisão de enviar essa embaixada resultava das dificuldades que Florença vinha enfrentando na guerra contra Pisa. Os pisanos haviam se rebelado em 1496 e, nos quatro anos seguintes, conseguiram vencer todas as tentativas de esmagar sua luta por independência. No começo de 1500, porém, os franceses concordaram em ajudar os florentinos a reconquistar a cidade em enviaram uma força para sitiá-la. Mas essa iniciativa também foi um fracasso (SKINNER, 2012, p. 16)

² Acredita-se que a formação que Maquiavel teve em sua infância, possa ter sido uma das causas para tal conquista como diz Skinner: “Essa formação humanista talvez seja a chave para explicar por que Maquiavel recebeu inesperadamente seu cargo no governo no verão de 1498”. (SKINNER, 2012, p. 15)

É curioso observar que em meio as várias missões cordiais que Maquiavel participava em solo europeu, em busca de adquirir um melhor enriquecimento intelectual e uma visão geral do campo político e administrativo, o mesmo se deparava também com lições que poderiam consolidar o Estado florentino, mas também lições que poderiam dizimar de vez a república de Florença., Como nos diz Skinner.

O resultado foi que, embora Maquiavel tenha permanecido quase seis meses na corte francesa, a visita lhe ensinou menos sobre as políticas da França do que sobre a posição cada vez mais equívoca das cidades- estado italianas[...]. A primeira lição que ele aprendeu foi que, para qualquer pessoa escolada no exercício do poder monárquico moderno, a máquina governamental de Florença se afigura absurdamente frágil e vacilante. (SKINNER, 2012, p. 17)

A realidade, é que Florença necessitava traçar com urgência uma saída imediata do quadro em que ela se encontrava, pois a mesma passava por uma profunda e amargosa crise não só no campo político e financeiro³, mas também notória no campo de armamento. Foi nesse panorama que “de modo ainda mais humilhante, Maquiavel descobriu que o sentimento de sua cidade natal sobre a própria importância parecia aos franceses ridiculamente defasado em relação à realidade de sua riqueza e posição militar” (SKINNER, 2012, p. 17), tornando assim Florença em motivo de piada e de descaso.

Maquiavel retorna a Florença em dezembro de 1500, concluindo assim, sua viagem à corte francesa, trazendo consigo o temor das forças armadas que eram imensuravelmente superiores de Florença como poder de fogo da França, da Espanha, e por fim da Alemanha. Mal sabia ele que um novo poder militar ameaçador estava próximo as fronteiras de Florença na pessoa de César Bórgia⁴, como relata Skinner.

Nos dois anos seguintes que Maquiavel passou principalmente em Florença e arredores, a signoria ficou preocupada com o surgimento de um novo poder militar ameaçando suas fronteiras: o de César Bórgia. Em abril de 1501, Bórgia foi nomeado duque da Romanha por seu pai, o papa Alexandre

³ Bignotto relata que “Ao longo do século XV, Florença sofrera uma perda real de seu vigor comercial e financeiro. Muitas casas bancárias se transferiram para outras praças, em especial Lion, na França corroendo o que por muito tempo fora o nervo do poderio da cidade e sua arma mais eficaz para lidar com as cidades italianas concorrentes e com o papado”. (BIGNOTTO, 2003, p. 7)

⁴ César Bórgia era filho do Cardeal Rodrigo Bórgia e de sua amante Vannozza Catanei, César foi nomeado arcebispo de Valencia, na Espanha, e Cardeal em 1493. E posteriormente Duque de Romanha pelo seu pai o então papa Alexandre VI em 1501.

VI. A partir daí, ele deu início a uma série de campanhas audaciosas para conquistar um território que ficasse à altura do novo título retumbante. Primeiro capturou Faenza e sitiou Piombino, onde entrou em setembro de 1501. A seguir, seus homens fizeram o Val di Chiana se rebelar contra a França, na primavera de 1502, enquanto César marchava para o norte e tomava o ducado de Urbino num golpe fulminante. (SKINNER, 2012, p. 19)

César Bórgia, antes um cardeal e agora um grande general coroado e abençoado pelo então papa Alexandre VI, ocupava, assim a linha de frente do exército papal. Também conhecido como Duque Valentino, o mesmo embalado pelo bom êxito no campo de batalha, volta o olhar para Florença propondo uma aliança cordial e formal aos florentinos, solicitando que mandassem uma pessoa para ouvir as suas exigências. Por ironia do destino, Maquiavel foi escolhido para partir em missão ao encontro do Duque Valentino no dia 05 de outubro de 1502. Talvez essa missão tenha sido o início de um período de formação mais intensa e enriquecedora na vida do chanceler. “Essa missão marca o início do período de formação mais intensa na carreira diplomática de Maquiavel, quando pôde desempenhar o papel de que mais lhe agradava: o de observador direto e assessor do governo da época” (SKINNER, 2012, p. 19).

César Bórgia larga da carreira eclesiástica para se tornar conselheiro do seu pai o papa Alexandre VI. Com isso, o próprio pai concede a seu filho o venerável título de Duque de Romanha. Pois, César Bórgia demonstrava simplesmente um domínio e uma habilidade maestral em suas empreitadas e artimanhas no campo de batalha para a expansão territorial do poder papal, pois, com seu envolvimento e seus atos de conquistas acabava de certa forma surpreendendo aqueles com quem firmava acordos. Os acontecimentos que se desdobraram nos são apresentados por Ridolfi:

Então, depois de pedir passagem aos florentinos para ir à tomada de Piombino, entrou em seus territórios sem esperar a resposta, utilizou expressões benignas enquanto esteve fechado o caminho dos Apeninos, ásperas e insolentes assim que passou. Queria, nada menos, que formassem uma liga com ele, que assumissem um compromisso com tropas como forma de pagar um grande tributo, que mudassem o governo por outra preferência; e, para dar mais consistência a essas exigências, avançou com o exército até Campi, quase junto as muralhas da cidade. (RIDOLFI, 2003, p. 62)

Num jogo de acordos Políticos, financeiros e de conquistas territoriais, que na qual Maquiavel presenciou de perto, um movimento que se apresenta como decisivo para a carreira do Duque Valentino, foi fundamental para o aprendizado e reflexão mais tarde condensados

em suas obras. Trata-se de uma sequência de ataques e conquistas bem-sucedidos à custa de maquinações traiçoeiras e de certo modo perversas. As estratégias utilizadas certamente Maquiavel tinha em mente ao escrever suas obras. O diplomata florentino enquanto secretário da segunda chancelaria de Florença, esteve envolvido em todas as missões relacionadas a César Bórgia, com o intuito de negociar explicitamente com o ele para que o mesmo não exercesse a sua força incontestável contra Florença. Claramente o domínio de habilidades que César Bórgia possuía ofuscava os olhos de Maquiavel. Como nos conta Ridolfi:

Esse senhor é muito esplêndido e muito magnífico, e por glória ou para conquistar Estados jamais descansa nem conhece fadiga ou perigo: no lugar de uma partida, chega antes de que se perceba onde será jogada; é benquisto por seus soldados; com ele tem melhores homens na Itália: essas são as coisas que o tornam vitorioso e formidável, acrescidas de uma própria fortuna. (RIDOLFI, 2003, p. 66)

Mas, tudo começou a mudar na vida de César Bórgia a partir da morte do seu pai, o então papa Alexandre VI. Como nos conta Ridolfi, “no dia 18 de agosto de 1503, depois de três dias de febre terçã, já tinha morrido o papa, e Valentino quase; adoeceu no mesmo dia e do mesmo mal. Assim, a sangrenta estrela dos Bórgia se apagava de repente naquele sufocante entender romano” (RIDOLFI, 2003, p. 84), Pai e filho, que gosavam da pura sorte que era oferecida pela figura da Fortuna agora os mesmos se despediram irresolutamente daquela que a tanto tempo os acompanhava. Talvez o maior erro do Duque Valentino foi ter se entregue cegamente aos encantos eruditos da Fortuna, que atrai os governantes com fama, poder, glórias, mais também pode a mesma destruir, arrasar e dizimar os príncipes que dela se aproximam. Como nos diz Adverse:

Da audácia e da ousadia à impotência e à humilhação, César Bórgia é um ator político que ilustra extremos. Por isso, mesmo é de grande valia para uma análise da questão da fortuna. Mais que isso, possibilita-nos compreender melhor as imbricações que parecem ser definidas entre Virtú e fortuna. Ao ser agraciado pela fortuna, o duque inicia uma sequência de ações que servem para demonstrar sua virtú. (ADVERSE, 2015, p. 208)

Com a queda dos Bórgias do governo de Florença, dar-se o retorno ao mandato da família Médici⁵ no dia 11 de março de 1513 na pessoa de Giovanni Médici, o então papa Leão

⁵ Poderosa família italiana que detinha enorme prestígio e poder na Florença do século XV. Seus membros se destacavam pelo movimento de apoio às artes e às letras que se tornaria marca da família.

X. Maquiavel que havia permanecido no cargo de Segundo Chanceler desde a queda do regime republicano do Frade Savonarola, pela primeira vez temia ser afastado daquilo que mais amava, a sua vida política no então cargo. Mas de fato as suas intuições estavam exatamente certas. Maquiavel foi considerado suspeito pelos Medici e jogado sem nenhuma cerimônia na prisão onde foi torturado e acusado por tramar contra os recém-chegados ao poder de Florença. Foi nesse contexto de desgraça que Maquiavel escreve a sua mais famosa e celebre obra *O Príncipe*. Livro que na qual, Maquiavel dá de presente a Lorenzo Médici como forma de agradá-lo e tentar voltar a sua grande paixão como então chanceler de Florença. Mas, seu plano não ocorre como planejado e, infelizmente, Maquiavel, que antes era amado e brilhava nos holofotes de Florença agora passa a viver em uma profunda e angustiante dor na escuridão do esquecimento político.

Diante da envergadura teórica de sua obra *O Príncipe*, mal sabia ele, que a mesma se tornaria um manual vivo para a permanência e estabilidade governamental dos governantes italianos e futuramente para todo o mundo, reconhecendo-o, a partir do livro supracitado, o percussor da Ciência Política.

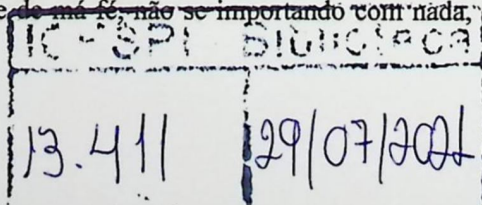
2. 2 A concepção do Pensamento Maquiaveliano

Maquiavel é um marco, uma referência no quadro da política. A princípio o seu pensamento maquiaveliano construído na obra *O Príncipe*, era direcionar os governantes para um governo promissor, descartando qualquer hipótese de queda ou fracasso como acontecia no tempo corrente de Maquiavel. O secretario florentino apenas percorreu outra forma de ver a ação de governar e liderar já que a filosofia dos antigos não abarcavam mais as demandas governamentais. A faceta mais conhecida de Maquiavel talvez seja aquela herdada por uma tradição distorcida, que não soube compreender o real sentido de suas valiosas lições, introduzidas no vocabulário mais comum das pessoas como a expressão maquiavélico⁶, ou maquiavelismo⁷ ou, no sentido de se tratar de algo até mesmo diabólico, inescrupuloso, falso, dissimulado e macabro. Como nos Diz Weffort:

Maquiavélico e maquiavelismo são adjetivo e substantivo que estão tanto no discurso erudito, no debate político, quanto na fala do dia-a-dia. Seu uso extrapola o mundo da política e habita sem nenhuma cerimônia o universo das relações privadas. Em qualquer de suas acepções, porém, o

⁶ Termo imposto ao pensador e ao pensamento de pessoas que agem ou pensam semelhantes como Maquiavel.

⁷ Pessoa que age de artimanhas, planos sorrateiros, e de má fé, não se importando com nada, contudo que sua meta e seu objetivo possam ser alcançados.



maquiavelismo está associado à ideia de perfídia, a um procedimento astucioso, velhaco, traiçoeiro. Estas expressões pejorativas sobreviveram de certa forma incólumes no tempo e no espaço, apenas alastrando-se da luta política para as desavenças do cotidiano. (WEFFORT, 2011, p. 13)

Os termos supracitados vêm se instalando sem cerimônia alguma em nossa vida política e em nossa vida social de maneira intensa. Os governantes são golpeados pela ação dos próprios homens. Por isso, Maquiavel não conseguia conceber na natureza humana ⁸ a vocação para o exercício do bem⁹, senão que notou impulsos com motivações egoístas. O interesse próprio, a ambição, a inveja, a vontade de domínio, motivaram a ação do homem:

Os homens costumam ser ingratos, volúveis, dissimulados, covardes e ambiciosos de dinheiro; enquanto lhes proporcionas benefícios, todos estão contigo, oferecem-te sangue, bens, vida, filhos, como se disse antes, desde que a necessidade dessas coisas esteja bem distante. (MAQUIAVEL, 1999, p.106)

O pensamento de Maquiavel é sempre um assunto que vai causar discussão no campo ético, político, filosófico, social e governamental, pois para compreender o pensamento de maquiaveliano se faz necessário arremeter a visão política ao panorama histórico político moderno e não inserir uma visão negativa ao pensamento de Maquiavel pois se não voltamos ao passado e partir da própria realidade de Maquiavel o seu pensamento sempre irá ser compreendido erroneamente no campo político na contemporaneidade. Pois Maquiavel não só fala de política, mas sim expressa como ela é, como podemos ver em sua obra magna “O Príncipe”. Como no diz Escorel:

Seria, pois, erro indesculpável [...] analisar o pensamento político de Maquiavel em haver fixado previamente os acontecimentos principais de sua época que ele viveu com tão intensidade, a ponto de sua biografia não ser mais, de certo modo, do que o reflexo daquela sua mente privilegiada. De tal maneira viveu Maquiavel integrado no seu tempo, participando ativamente de acontecimentos decisivos e marcantes e teorizando, a seguir, os fatos colhidos pela sua experiência e observação, que o estudo de sua vida equivale a um fascinante mergulho no Renascimento italiano, visto na sua

⁸ A natureza humana ou antropológica humana é marcada de dúvidas na filosofia de Maquiavel, pois o homem sempre anseia poder e para chegar ao poder o mesmo tem que derrubar o seu semelhante, por isso que Maquiavel não concebia na natureza humana um bom senso ou uma boa índole.

⁹ Nesse ponto podemos relacionar o pensamento maquiavélico com o de Thomas Hobbes, visto que este último concebia que “A condição que os homens se encontram naturalmente é uma condição de guerra de todos contra todos. Cada qual tende a se apropriar de tudo o que necessita para a sua própria sobrevivência e conservação. [...] (É nesse contexto que Hobbes usa a frase de Plauto *homo homini lupus*, “o homem é o lobo do homem”, que, no entanto, não tem aquele significado de sinistro e radical pessimismo moral que muitos nela viram, porque pretende ser pura constatação estrutural.)” (REALE, 2007, p. 496).

realidade política, e do qual sua obra recebeu impulso e sustância. (ESCOREL, 2014, p. 47)

O pensamento de Maquiavel trabalhado na obra *O Príncipe* é traduzido deturpadamente apenas como um livro arraigado de ambição, empasse pelo poder, tirania, e derramamento de sangue. A Filosofia maquiaveliana era arbitrariamente tida como perigosa aos governantes, mas nunca foi nos dada a experiência de inverter esse pensamento até agora, pois Maquiavel não ensinava e pregava a filosofia governamental tirana, mas sim, revela a prática dos próprios príncipes que já faziam uso da forma de tirania política para se chegar ao poder. Maquiavel apenas transcreve em seu livro o que ele presenciou observando a atitude política empregada em Florença, como nos esclarece Escorel:

É surpreendente o pequeno número de pessoas a não considerarem que Maquiavel ensina aos príncipes uma política perigosa; pois, ao contrário, são os próprios príncipes que ensinam a Maquiavel o que ele escreveu. Os metres de Maquiavel foram o mundo e o que nele se passa e não uma mediação oca de gabinete. Que queimem seus livros ou rejeitem, os traduzam ou comentem, nada disso alterará o governo. Em virtude de uma de uma política se eleve acima da moral. (ESCOREL, 2014, p. 47)

Ao analisar o pensamento de Maquiavel verifica-se que esse se aparta diretamente da moral aristotélica pois, o mesmo não conseguia conceber a compatibilidade de pensamento político como edificador para os governantes de Florença. Contudo, o diplomata florentino parte da própria realidade vivida em Florença e em toda a Europa justamente para mostrar que é possível governar elevando assim a própria política acima da moral. A grande preocupação do diplomata florentino não está fincada ou centralizada na lei natural¹⁰, e nem na lei ideal que poderia governar a política, mas com o que efetivamente os homens fazem e podem fazer ao estarem em contato com o poder. Ao se afastar dos clássicos e seguir as correntes de Tito Lívio, Políbio, Maquiavel inspira-se deste pensamento para discorrer a formação de sua regra metodológica da descrição das histórias do poder e das formas de governar com a *verità effettuale dela cosa*¹¹ ou seja (a verdade efetiva das coisas). A verdade efetiva mais frequente

¹⁰ Como nos diz Robert Chisholm, "O efeito de se colocar o ato criativo no centro da política é a ênfase natureza completamente autofundadora da política. Maquiavel rejeita as tradicionais reivindicações universais da filosofia moral fundadas na revelação na conversão ou na Lei Natural" (Chisholm, Robert, A ética feroz de Nicolau Maquiavel, in Querino et al. (Org.), Clássicos do pensamento político, 1998, p. 73)

¹¹ Weffort nos diz que: Maquiavel rejeita a tradição idealista de Platão, Aristóteles e São Tomás de Aquino e segue a trilha inaugurada pelos historiadores antigos, como Tácito, Políbio, Tucídides e Tito Lívio. Seu ponto de partida e chegada é a realidade concreta. Daí a ênfase na *verità effettuale*- a verdade efetiva das coisas. Essa é sua regra metodológica: ver e examinar a realidade tal como ela é e não como se gostaria que ela fosse. (Weffort, 2001, p. 17).

tem sido aquela que se trataria de uma recusa do pensamento utópico platonista com a idealização da república ideal, interpretação essa que Maquiavel conclui que: “Muitos imaginaram repúblicas e principados nunca vistos ou reconhecidos como reais” (MAQUIAVEL, 1999, p. 99).

Maquiavel deixa altamente transparente o seu pensamento no que diz respeito a verdade efetiva das coisas, pois é perceptível e claro que o diplomata florentino opõe as ideias idealísticas de governo. “Tamanha diferença se encontra entre o modo como se vive e o modo como se deveria viver que aqueles que se ocuparem do que deveria ser feito, em vez do que na realidade se faz, aprendem antes a própria derrota do que sua preservação[...]”. (MAQUIAVEL, 1999, p. 99)

A arte da política consiste precisamente em conquistar e conservar o poder governamental para que o príncipe possa organizar a Cidade, o Estado, e a Sociedade, para evitar que os instintos destruidores prevaleçam. Assim, a própria dominação é “um bem” e nada mais grandioso para alguém do que exercer o poder político e ter capacidade para manter-se no mando. Contudo, Maquiavel orienta que a ação política dos governantes seja sempre ficada na benevolência, mas se for necessário para o bem do governo e da sociedade, o príncipe deve agir e se valer pelo uso da maldade para que seu governo não caia em descaço. “Assim, é preciso que, para se conservar a liderança, um príncipe aprenda a ser mau, e que se sirva ou não disso de acordo com a necessidade”. (MAQUIAVEL, 1999, p. 99)

O diplomata florentino, não conduzia o príncipe a princípio a ser mal, mas apenas orienta apenas aos governantes que se necessário e somente na última instância a fazer-se uso da maldade como nos diz Bignotto:

Ao elogiar, por exemplo a habilidade com a qual César Bórgia havia se livrado de seus inimigos, ele incorria no perigo de se transformar em um defensor da prática de crueldades, que inclusive ameaçavam se voltar contra a França. O que ele percebia, no entanto, era não que a crueldade fosse boa em si mesma, mas que a simples condenação dos atos dos governantes não ajuda nem a compreendê-los, nem a evitar seus efeitos. (BIGNOTTO, 2003, p. 15-16)

Percebemos que Maquiavel apenas coloca com transparência o uso do bom senso da maldade, pois é crucial em um governo ter uma espécie de maldade que possa usá-la como uma forma de benevolência para o Governo, para o Estado e para a Sociedade, pois de fato aqui o governante se coloca em um jogo perigoso em fazer uso da maldade para com os seus súditos, o uso da maldade deve ser concebido como forma de edificação e de segurança para o

povo e nunca para torturar e assustar a sociedade, buscando assim manter sempre um equilíbrio da aplicabilidade dessa maldade, e se for praticar a maldade a mesma deve ser praticada de uma vez, pois a presença da bondade deve ser dada em troca aos poucos para que seu governo não seja conflitante, como nos orienta Maquiavel:

[..] digo que cada príncipe deve preferir ser reputado, piedoso e não cruel; a despeito disso, deve cuidar de empregar adequadamente a essa piedade. [...] Desse modo, o príncipe não deve ser incrédulo nem precipitado, nem atemorizar-se, e sim proceder com equilíbrio, prudência e humanidade, para que o excesso de confiança não o torne incauto, nem a desconfiança exercida o faça intolerável. (MAQUIAVEL, 1999, p. 105-106)

A visão de política de Maquiavel fincada na conquista e permanência no poder foi fácil mente interpretada erroneamente como uma filosofia que prega apenas que os fins que justificam os meios¹². Frase essa que é associada ao pensamento do diplomata florentino graças a um pequeno trecho abordado no capítulo XVIII de sua obra magna *O Príncipe*, como nos é contemplado segundo Maquiavel:

Nos atos de todos os homens, em especial os príncipes, em que não há tribunal a que recorrer, somente o êxito, bom ou mal, procure, pois, um príncipe vencer e preservar o Estado. Os meios empregados sempre serão considerados honrosos e louvados por todos, porque o vulgo se deixa conduzir por aparências e por aquilo que resulta dos fatos consumados, e o mundo é composto pelo vulgo, [...] (MAQUIAVEL, 1999, p. 111-112)

Muitos perseguidores ao pensamento político de Maquiavel criticaram ferrenhamente sua filosofia política afirmando que ele apenas defende perigosamente a prepotência e abuso de poder. Inicialmente essa frase “Os fins justificam os meios” era mais empregada e usada particularmente só no contexto político, mas depois foi-se espalhada e ramificada sem cerimônia alguma para o campo social, onde pessoas e seres acreditam nitidamente que tudo é permitido quando você quer fazer alguma coisa importante. Muitas das coisas que são feitas por essas pessoas são consideradas reprováveis no âmbito da ética e moral.

Maquiavel discorre sua observância de toda uma trajetória dos políticos e governos que se deram bem, e daqueles que de certo modo fracassaram em suas atividades. Portanto, o que buscamos nesse primeiro capítulo foi traçar o processo de desmistificação do pensamento

¹² Frase impostada ao pensamento filosófico de Maquiavel onde acredita-se que para se chegar ao poder o governador está disposto a fazer qualquer coisa para conseguir alcançar o seu objetivo.

filosófico maquiaveliano para que pudéssemos enxergar com nitidez seu pensamento político filosófico.

filosófico. *Journal of the American Philosophical Association*, 32, 1, 1997, 1-14.

3 ARTE DE GOVERNAR A PARTIR DA FORTUNA E VIRTÚ DE MAQUIAVEL

3.1 A presença da Fortuna e Virtú na obra O Príncipe

No capítulo anterior, vimos o pensamento político maquiaveliano numa perspectiva histórica, de um claro realismo do seu contexto adequável aos desejos e propósitos humanos e ajustável aos fins que se quer para governar. Modo esse que ao longo da história foi compreendido erroneamente por alguns pensadores no campo político, ético e social, havendo assim, a necessidade de se fazer um esclarecimento do pensamento maquiaveliano.

Seguindo esse processo de compreensão, acreditamos na aplicabilidade do pensamento maquiaveliano para edificação e solidificação de um bom governo. Para que se possa adquirir a arte de governar e a benevolência para construir e edificar um bom governo. Para que isso aconteça faz-se necessário que o governante finque seu governo em bases firmes para que o seu governo não desmorone sobre si mesmo. Bases essas que nosso autor caracteriza como Fortuna¹³ e Virtú¹⁴. Maquiavel acredita que seja esse o caminho mais correto para que um governante não conheça a queda do governo.

Com isso, Maquiavel apresenta primeiramente figura da Fortuna para aqueles governantes que anseiam a conquista e permanência no poder governamental. Como não podia deixar de ser, a palavra “Fortuna” é um termo ambíguo, aparecendo no contexto com acepções deferentes: ora como sinônimo de “sorte” ora como equivalente de “sucesso”. A Fortuna porem foi personificada na figura da antiga deusa romana do destino, *Fors*, como força determinante dos acontecimentos, benefícios ou maléficos, que se apresentam aos homens e, especificamente, aos príncipes.

Por sua vez, os governantes devem sempre tomar cuidado com a Fortuna, pois ao mesmo tempo que ela pode ser atraente aos olhos dos governantes por conta das facilidades que nela são incutidas, a própria Fortuna também pode se tornar em um rio impetuoso destruindo tudo que ela agraciou àqueles homens que se apoiaram somente na Fortuna como sua base governamental onde a mesma agora domina, manda, e destrói, quando no governo não se encontra ou se faz pressente a força da Virtú.

Comparo-a a um desses rios impetuosos que, quando se enfurecem,

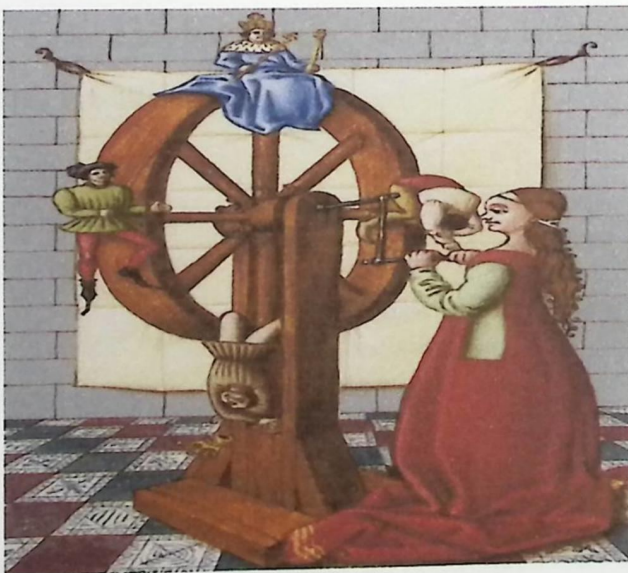
¹³ A figura da Fortuna é a personificação irradiante da bela mulher e senhora do destino, onde toda a sorte e o sucesso nela estão incutidos.

¹⁴ Virtú é a força da masculinidade exercida nos campos de batalha para a conquista territorial. Onde a mesma é totalmente desvinculada da virtude Cristã.

trasbordam pelas planícies, acabam com as árvores, as construções, arrastam montes de terra de um ponto a outro; tudo foge diante dele, tudo se submete a seu ímpeto, sem conseguir detê-lo, e, embora as coisas aconteçam assim não é menos verdade que o homens, quando a calmaria retorna, são capazes de fazer consertos e barragens de sorte que, em outra cheia, aqueles rios estarão correndo por um canal, e seu ímpeto não será nem tão livre nem tão nocivo. Assim também se passa com a fortuna; seu poder se manifesta onde não há resistência organizada, voltando ela a sua violência apenas para onde não se construíram diques nem fizeram reparos para contê-la (MAQUIAVEL, 1999, p. 143-144)

A figura da Fortuna é um ícone importante durante toda a Idade Média. Nas obras artísticas mais frequentes, ela aparece como uma mulher girando através de uma manivela, uma roda dividida em quatro partes: na primeira, à esquerda, temos um homem que escala a roda, primeiro com roupas cotidianas depois vestido como nobre, com o braço direito erguido; na segunda parte, o topo da roda, o mesmo homem se encontra sentado, ricamente vestido e portando um coroa; na terceira parte, esse homem, seguindo o movimento da roda, começa a perder o equilíbrio até que, já quase de ponta-cabeça, escapa-lhe a coroa; na quarta parte, o homem, despojado de sua nobre vestimenta e com a cabeça descoberta, aparece ora esmagado pela própria roda, ora nela pendurado, ora estendido no solo, onde o mesmo já não faz mais parte do ciclo da Fortuna.

Figura 1 Roda da Fortuna



Fonte: <http://tarofacil.net/a-roda-da-fortuna/>

Os ânimos em relação à Fortuna variaram muito no tempo, tendo ela sido cultuada na Antiguidade, adorada tanto pelos gregos quanto pelos romanos. A Fortuna é como uma deusa tão benevolente, de tal sorte que quando a fortuna se torna má, há que se questionar se ela não se transformou num demônio da literatura.

Na obra de Maquiavel, a Fortuna toma um rosto diferente da velha horrenda que seus contemporâneos pintavam, surgindo assim bela e atraente aos olhos dos governantes, além de estar atrelada a um resto de esperança de que a sua roda continue em movimento e leve quem já esteve no topo e caiu de volta ao alto, o oposto do fatalismo embutido na concepção tradicional. Na mente do homem medieval, a Fortuna surge associada ao discurso de quando o que acontece ao homem pode ser atribuído ao destino e quanto decorre exclusivamente das escolhas por ele feitas. Maquiavel aborda tal questão no capítulo XXV d'O Príncipe, *De quando pode a fortuna nas coisas humanas e de que modo se deve resistir-lhes*.

Não desconheço que muitos têm tido, e têm, a opinião de que as coisas do mundo são governadas pela fortuna e por Deus, de modo que a prudência dos homens não há poderia corrigir nem lhes ofertaria algum remédio. Dessa maneira, poder-se-ia pensar que ninguém deve se importar muito com elas, deixando-se simplesmente reger pela fortuna. (MAQUIAVEL, 1999, p.143)

Em pensamento, o homem pode evitar muitos dissabores se preparando para surpresas que a foça da Fortuna possa lhes aprontar, providentes disso, o governante deve agir com maestria e esperteza usufruindo assim de uma força compatível ou superior a da Fortuna, força existencial essa que somente pode ser encontrada na figura da Virtú. Pois, a força masculina da Virtú deve ser aplicada brutalmente à figura feminina da Fortuna, para que somente assim com brutalidade, violência, e força masculina a ira impetuosa da Fortuna possa ser contida e dominada.

Isso traz Maquiavel à questão central que os moralistas romanos haviam colocado originalmente. Como podemos pretender afirmar uma aliança com a Fortuna, como podemos fazê-la sorrir para nós? Ele responde usando os mesmos termos que os antigos já tinha usado. Ressalta que ela é amiga dos bravos, daqueles que são “menos cautelosos e mais agressivos”. E desenvolve a ideia de que a Fortuna se excita principalmente com a *virtus* do verdadeiro *vir*, e a ela responde. (SKINNER, 2012, p. 43)

Além disso, o governante usufrui da Virtú como um elemento basilar para o seu sucesso como belo e admirável governador. Com a Fortuna excitada pela força da Virtú a Fortuna se deixa vencer dando agora a vez virtú como modo presencial no governo. A Virtú é um conceito central na obra *O Príncipe* de Maquiavel para se governar e obter sucesso, somente através dela que se pode alcançar a estabilidade do poder no Estado, ainda que, como se verá adiante, ela não seja uma garantia absoluta disso. Etimologicamente, Virtú deriva do *virtus*, que em latim significa força corpórea, coragem, bravura, boas qualidades morais,

mérito. *Virtús* por sua vez, deriva do *vir* termo que significa homem, varão, exprimido as qualidades masculinas. Se a Fortuna equivale a feminilidade, a virtude (Virtú) é a essência da masculinidade.

Desse modo, o homem de Virtú, através de sua prudência, de sua capacidade de antecipar aos futuros acontecimentos e de não se conter com os julgamentos morais, agarra a deusa pelo braço e a impede de continuar a girar a roda da sorte. É, pois, através dessa ação firme que o governante garante a manutenção no poder e a estabilidade no governo e se torna senhor da sorte.

A Virtú apresentada por Maquiavel é desvinculada da virtude cristã. É mais alinhada à política do que a ética. A religião cristã, segundo o diplomata florentino, comparada com a religião romana, estima menos as honras mundanas e glorifica mais os homens contemplativos do que os ativos. Ao valorizar mais a humanidade, apostando no distanciamento e no desprezo pelas coisas mundanas, a religião romana valoriza a grandeza de ânimo, a fortaleza do corpo, a glória e honra do mundo. O jogo entre a aparência e a essência sobrepõem-se a distinção tradicional entre virtudes e vícios. A Virtú pública exige também vícios, assim como exige o reenquadramento da força.

Para Maquiavel, o agir virtuoso é um agir como homem e como animal. Resulta de uma astuciosa combinação da virilidade e da natureza animal. Assim, a qualidade exigida do príncipe que deseja se manter no poder é sobretudo a sabedoria de agir conforme as circunstâncias. Devendo, contudo, aparentar possuir as qualidades certas e valorizadas pelos governados.

Assim, a arte da política consiste precisamente em organizar a cidade, o Estado, e a sociedade para evitar que os instintos destruidores prevaleçam. Assim, a própria dominação é “um bem” e nada mais grandioso para alguém do que exercer o poder político e ter capacidade para se manter no mando.

3.2 A presença da Fortuna e Virtú na ação do governante

Maquiavel em sua principal obra *O Príncipe*, concede a oportunidade aos príncipes italianos e a todos os governantes uma solução plenificada no campo da governabilidade política para que seus governos não caiam em descaço. Com a Fortuna e a Virtú, o diplomata florentino aponta a direção para que esses governantes possam obter a artimanha necessária para alcançar a resolução inerente de seus problemas governamentais e governar com estabilidade o estado e a sociedade.

A aplicabilidade da Fortuna e da Virtú se faz necessária e crucial no governo para que o governante possa assim usufruir da benevolência ofertada pela Fortuna como bens, sorte e poder, mas também se faz necessário o uso das qualidades inerentes que são obtidas pela Virtú como a maestria, artimanhas e a força implacável, como nos diz Bittar

No entanto, a amizade dos poderosos, a fortuna e a tradição podem não ser elevados suficientes para manter-se no poder. Ele demanda algo mais que a simples condição de herdeiro de um trono ou que a posse de muitos bens e propriedades. As tormentas enfrentadas por aquele que efetivamente se faz possuidor do poder, porque conquistou pela fortuna, apenas, sem virtú, são as mais terríveis, e iniciam-se no exato momento em que alcança seu destino no poder. (BITTAR, 2008, p. 151)

O governante deve se valer da fortuna, principalmente em tempos de crise no governo e no Estado, fazendo-se mais esperto do que a senhora do destino, para que a mesma possa lhe agraciar com os seus dons que são inerentes a ela. O mais importante para edificar um governo que a Fortuna é esta em posse da Virtú como nos explana Bittar

Essa habilidade, descrita de modo inteiramente novo e revolucionário por Maquiavel, consiste no que se chama de virtú. Sem a virtú não poderá o príncipe resistir no poder. Por isso que a ideia de virtú governa grande parte da doutrina do principal escrito político de Maquiavel [...] (BITTAR, 2008, p. 150)

Com a plena posse das faculdades existenciais da Fortuna e da Virtú no controle do governante, o seu Estado e soberania se plenifica e se edifica, pois o príncipe agora se torna senhor da sorte e comandante da virtú. Deste modo, não ocorrerá mais nenhum risco da Fortuna ousar em interferir nos planos e nas ações do governante. A Fortuna se torna um mero instrumento que é manuseado pela força implacável da Virtú, onde todas as conquistas no campo de batalha ou em outros campos de domínio se tornam bem-sucedidas. Assim, tem-se um governante varão, valente, dotado, inteligência e nutrido de pura sorte, adquirindo assim aquilo que faltava nos primeiros príncipes: liderar e governar sem temer queda ou fracasso algum.

Com a posse das qualidades inerentes da Fortuna e da Virtú, se faz necessário que o governante republicano saiba lidar cuidadosamente com a visibilidade da ação desses dois elementos de governo perante a sociedade, pois a arte do saber governar é fundamental para que a ação do homem não seja um fiasco enquanto governante. Além do príncipe ter o domínio da Fortuna e Virtú é também necessário o poder de decisão, haja vista que são essas

decisões tomadas pelo governante que farão a diferença no seu governo. Como nos explica Marco Aurélio

Norberto Bobbio procura mostrar que lado a lado com a funcionalidade do poder visível funciona, também, um outro poder, que não aparece, mas que é tão poderoso no momento decisional, que pode ser tão eficaz na ação governamental e na manutenção do governo quanto violento para aqueles que estão submissos a um regime governamental, por acreditarem que o poder que comanda a decisão de um governante é o poder visível. Na verdade, o poder de decisão é o que não aparece, o qual Bobbio chama de poder invisível [...] (AURÉLIO, 2000, p. 97)

Na verdade, o governante deve procurar ter e manter tudo sobre controle, pois é dessa forma que o governante não só vai agir com a sorte da Fortuna e a força da Virtú, mais agora irá contar com o poder de decisão. Decisão essa não tomada brutalmente com a força da Virtú, mais sim, com a esperteza e a inteligência freando qualquer reação contrária da sociedade mediante a forma de governo do príncipe. Além do mais, o governante deve sempre estar em posse das faculdades da inteligência para que possa assim usufruir dos bens existenciais das instituições presenciais no seu território de governo, como a religião. Instituição essa que, por sua grande influência sobre a ação dos indivíduos da sociedade, pode ser considerada de grande valor institucional para servir aos fins da política. Assim, o governante não teria a religião como obstáculo em seu Estado, mas sim, um novo auxílio para seu governo. Como nos diz Escorel

A religião é assim encarrada como um “instrumento de domínio” de grande eficácia social e política, a ser manejado com astúcia pelo chefe de Estado para manter as instituições e a moralidade pública e assegurar melhor a defesa da pátria. O político inteligente a respeitará sempre, “mesmo que não acredite nela”, porque de sua influência sobre o povo só lhe poderão advir vantagens. (ESCOREL, 2014, p. 223- 224)

Nosso autor florentino ressalta a religião não no sentido de libertar, mas de doutrinar. Como nos diz Maquiavel no capítulo XVIII d' *O Príncipe*, *De que forma os príncipes devem guardar a fé*:

Deve o príncipe, contudo, cuidar para não deixar escapar dos lábios expressões que não revelem as cinco qualidades já mencionadas, devendo aparecer à vista e ao ouvido, ser toda piedade, fé, integridade, humanidade, religião. Não há qualidade de que mais se necessite do que desta última. Os homens costumam julgar mais pelos olhos do que pelas mãos, uma vez que todos podem exagerar, mas poucos sabem sentir. Todos vêem o que tu

pareces, pouco o que realmente és, e esses poucos não ousam contrariar a opinião dos que têm a seu favor a majestade do Estado. (MAQUIAVEL, 1999, p. 111)

A nomenclatura do Estado nunca havia ganhado tamanho respaldo em meio ao campo político até Maquiavel, onde o diplomata florentino trabalha piamente em sua obra *O Príncipe*, como nos descreve o próprio Maquiavel

Todos os Estados, os domínios todos que já houve e que ainda há sobre os homens foram, e são, republicas ou principados. Os principados ou são hereditários, e têm como senhor um príncipe pelo sangue, por longa data, ou são novos. Os novos são inteiramente novos, como o é Milão com Francisco Sforza, ou são como membros juntados a um Estado adquirido, por herança, por um príncipe, como o é o reino de Nápoles ao rei da Espanha. Domínios assim recebidos são ou acostumados à sujeição a um príncipe ou livres, e adquiridos com tropas alheias próprias, pela fortuna ou pelo mérito. (MAQUIAVEL, 1999, p. 37)

Desta forma, Maquiavel dá um passo importantíssimo na compreensão política do Estado, pois a princípio o diplomata florentino nos favorece, esses dois modos de governo com o principado e república, mostrando-se assim sempre uma aderência ao modo de governo republicano como nos diz Possidônio Junior

[...] Maquiavel dispara um ataque terrível a tradição política e simplifica-a em duas formas: república e principado. O príncipe não designa um membro da família real ou monarca, nem uma identidade feudal e nem um título dinástico, mas designa uma habilidade política de chegar ao poder e ali permanecer por meio de atuação do próprio talento político superior em conseguir si impor a outrem. O seu exercício político está no plano das capacidades em desvendar as oportunidades da fortuna e as condições do sucesso[...] Para a república, Maquiavel desenvolve a arte de governar onde se coloca juntos os princípios constitucionais da aristocracia, do Estado Popular, da Monarquia ou governo misto sem harmonizar as tensões vivas da cidade (Cf.D.T.L. I,2), a qual é composta da seguinte ordem social: nobres, burgueses, comerciantes, artesãos e plebe (Cf. I.F.III,1 e 9-8). Maquiavel afirma o valor superior das cidades em que o bem comum triunfa sobre os bens privados (Cf. D.T.L. I,10; II,2). Para ele, o que engrandece a cidade não é o bem individual, mas é o bem comum, e o bem comum só é observado nas Republicas. (POSSIDÔNIO, 2016, p. 146-147)

O objetivo do diplomata florentino era elaborar regras eficazes de governo, tendo por fundamento a experiência política antiga e nova, considerando que essa eficácia independida do caráter moral ou imoral das regras. Ou seja, a questão de Maquiavel é saber se o príncipe pode agir sempre de acordo com os princípios éticos- cristãos aceitos em sua época e esperar os resultados ou se deve aprender outros modos de ação perante situações difíceis. Ele não

aconselha aos governantes o ato de desrespeitarem as regras aceitas por puro prazer de realizá-lo. Ao contrário, diz que devem conformar sua ação a elas sempre que possível.

Com a presença existencial da Fortuna e da Virtú inculcadas na pessoa do governante, assevera que fica mais eficaz seu modo e sua ação governamental diante do governo, do Estado e da sociedade, pois com a devida maestria agora o governante torna possível a sua edificação e permanência no poder e consequentemente fortalece os poderes máximos de sua nação, a saber; o poder executivo¹⁵, legislativo¹⁶ e por fim o judiciário¹⁷, quebrando assim todos os paradigmas e fracassos dos governantes da antiguidade, encontrando desta forma aquilo que tantos príncipes sonhavam em encontrar e não encontravam a arte de governar. Por fim, o pensamento de Maquiavel pode ser uma luz para os governantes do século XXI, o que observa hoje são indivíduos perdidos e de certa forma incapazes para ocupar cargos públicos como representantes do povo e de nações. A arte de governar não é dada ou concebida para qualquer indivíduo, mas sim, conquistada por aqueles que ousam obter êxito em sua ação governamental.

¹⁵ O Poder Executivo é o poder destinado a executar, fiscalizar e gerir as leis de um país. Sendo assim, essa escala do poder decide e propõe planos de ação de administração e de fiscalização de diversos Programas.

¹⁶ O Poder Legislativo é a instância de poder que irá estabelecer as Leis de um país. O poder legislativo é composto pelo Congresso Nacional, ou seja, a Câmara de Deputados, o Senado, Parlamentos.

¹⁷ O poder Judiciário é exclusivamente voltado para a julgar as causas conforme a constituição do Estado.

4 AS RESSONÂNCIAS DA ARTE DE GOVERNAR NO CAMPO POLÍTICO CONTEMPORÂNEO

4.1 Governar a partir do cenário político contemporâneo

O pensamento de Maquiavel se perpétua e se perpassa até a contemporaneidade, onde as ressonâncias de seu pensamento podem ser percebidas presentemente no campo político e governamental. O pensamento político de Maquiavel tornou-se um elo de ligação ente a Modernidade e o mundo Contemporâneo, hoje, em pleno século XXI esse pensamento se perpetua em nosso campo social e político de forma atualizada.

O pensamento de Maquiavel se faz presente em todo o mundo contemporâneo, no entanto com clara adaptação a política atual. Pois os governantes do século XV eram reconhecidos como chefes de Estado onde os mesmos detinham o poder absoluto de seus principados. Hoje, pode-se considerar príncipes todos aqueles que se fazem presentes no campo político e governamental independentemente que seja sua função. Uma vez que dentro desse campo político o indivíduo obtém assim uma notória parcela de poder. No campo empresarial os empresários do setor privado se encaixam perfeitamente nesse cenário pois de certa forma esses patrões tem uma notória autoridade diante dos seus empregados, como nos explana Nivaldo Júnior.

Príncipe, hoje, é todo aquele que detém o poder executivo, em qualquer dos escalões, que seja no espaço público ou na área privada. Príncipe é todo aquele que conquistou, de alguma forma, autoridade legítima sobre outros seres humanos. (NIVALDO JR, 2005, p. 161).

O saber governar é crucial seja no campo público ou privado, pois para que o governante possa obter uma notabilidade administrativa enquanto governante se faz crucial que ele antes de tudo construa de forma edificada o seu plano de governo, visto que, esse plano poderá ser o seu sucesso ou o seu fracasso. Seja como governante público, ou seja, de instituição privada antes de tudo ele é quem irar dirigir com responsabilidade os cargos que a foi confiado pelo voto do povo e também dirigir com segurança a empresa privada fazendo-se assim um bom governante sem se preocupar com a queda ou afastamento do cargo público ou com a demissão e exclusão do campo empresarial.

No período da Modernidade o estado de Florença passava por um enorme desgaste político, onde os governantes não conseguiam traçar com segurança seu plano de governo caindo e sucumbindo assim na queda eminente do governo. Com isso, Maquiavel conduz os príncipes italianos o caminho correto para traçarem o melhor modo para governarem. Maquiavel acreditava que era crucial em um o plano de governo de qualquer governante, bases solidas que edificassem esse plano governamental, onde só como o auxílio da Fortuna e Virtú que governante trilhará o melhor caminho governamental em sua nação.

A virtú, base essa que se sobressai na obra *O Príncipe* de Maquiavel, pode-se perceber que esse modo impetuoso de força masculina ainda está bem presente na ação dos políticos da contemporaneidade passando assim por algumas adaptações. Antes de tudo, se faz necessário que o povo conheça a virtú do político, para que não deixe que esse representante coloque os interesses públicos em segundo plano, pois o poder não deve ser mais importante do que o bem comum do povo.

O governo depositado nas mãos de um governante virtuoso deve ser adquirida pela ajuda do povo, pois quem adquire o poder governamental somente com a ajuda do poder aquisitivo dos ricos sofre mais para mantê-lo, visto que “Os primeiros estão sempre cercados de indivíduos que tem consciência de sua força e se entendem como iguais ao governante” (NIVALDO, 2005, p. 169). Por esse motivo, é que o príncipe encontrara dificuldades para manter seu método governamental. Em contrapartida disso, o governante que coloca seu plano de governo em favor do povo a margem de desaprovação será mínima, pois a sua ação governamental deverá ser sempre aplicada em benefício do bem comum do povo, e não em benefício do bem de uma classe privada ou em benefício para si próprio.

Seja no cenário político moderno ou no campo político da contemporaneidade, o povo sempre foi de suma e valiosa importância para uma nação e principalmente para os governantes, pois nos momentos de transtorno governamental o povo irá ajudar o governante a se manter no mando do governo. A fidelidade do povo nesse caso torna-se crucial para uma edificação governamental do príncipe na modernidade ou na contemporaneidade, pois os anos passam e se o governante agir de má fé perante o povo de seu governo ele logo sucumbirá no seu amargoso fracasso, pois através do voto¹⁸ o povo retira aquele governante que não foi fiel a sociedade dando a oportunidade para outro ser possa atuar no mando governamental.

No período histórico de Maquiavel, a política se encontrava fragilizada pela ação débil dos governantes onde os mesmos manchavam seus governos pela ação da crueldade e da

¹⁸ O voto é uma ação democrática que a população faz para a escolha de seus representantes, no Brasil acontece em quanto a quanto anos

maldade no corpo político e governamental. Hoje, em outro cenário a mancha envergonhadora e outra. A mancha dos governantes contemporâneos não é nada mais ou nada a menos do que a pura e obscuros escândalos de corrupção¹⁹, como nos expõe Norberto Bobbio.

O momento em que nasce o escândalo é o momento em que se torna público um ato ou uma série de atos até de todos até então mantidos em segredo ou ocultos, na medida em que não podiam ser tornados públicos pois, caso fossem, aquele ato ou aquela série de atos não poderiam ser concretizados. (BOBBIO, 2000, p.105)

Os escândalos de corrupção quebram e freia brutalmente a evolução governamental. É nesse cenário de desgaste político e governamental em que nos encontramos, além de frear o crescimento do governo de quebra arruína a credibilidade da política no país ou na nação. Essa atrocidade se torna mais presente a cada dia, pois a ação da corrupção política acontece diretamente nos partidos onde os interesses partidários e individuais falam mais alto, governantes esses que apenas agem apenas pela rapinagem²⁰ sendo assim sorrateiros com os órgãos governamentais e com o povo que os elegeu, como nos diz Maquiavel

Assim, pondo de lado as coisas que se ignoram em relação aos príncipes, e falando sobre as que são reais, digo que todos os homens, em particular os príncipes, por se encontrar mais no alto, ganham notabilidade pelas qualidades que lhes proporcionam reprovação e louvor. Ou seja, alguns são tidos como liberais outros como miseráveis (empregando o termo toscano *mesero*, porque *avaro*, em nossa língua, significa o que deseja possuir pela rapinagem, e *miseri* denominamos que se abstêm muito de usar aquilo que possuem) [...] (MAQUIAVEL, 1999, p 100)

Desse modo, acredita-se que para um governante possa desenvolver bem o seu plano de governo para governar com segurança e de quebra consiga assegurar a edificação do seu governo no campo político e governamental contemporâneo, se faz necessário que ele enquanto governante se desvincule totalmente da obscuridade da corrupção que mancha e destrói vários governos e corpos políticos, para que somente assim possa o governante atuar de forma consistente e autêntica perante a sociedade. Pois o amor e a lealdade do povo irão se

¹⁹ Corrupção deriva da língua latina *corruptus*, que significa repartido, quebrado em várias partes. A corrupção pode ser assim definida como uma utilização da autoridade para obter alguma vantagem para si próprio, fazendo uso de algo que é público para o seu próprio interesse pessoal.

²⁰ A rapinagem é a obtenção de algo por roubo ou desvio de finalidade para interesse próprio.

tornar mais forte no modo com que o príncipe ou o governante lideram seus governos. Esse cenário político contemporâneo não está longe ou desvinculado da ação política brasileira pois, a ação política, partidária, e governamental dos governantes se encontra em crise em todo o mundo inclusive no Brasil, simplesmente pelo presencialíssimo da corrupção que freia a desenvoltura e o crescimento das nações nacional e mundial.

4.2 A presença do pensamento maquiaveliano no cenário político brasileiro

O pensamento de Maquiavel pode se fazer perceptível em nosso cenário político brasileiro, campo esse que hoje se encontra drasticamente em uma profunda crise em vários setores, seja no econômico, administrativo, ou judiciário, não se sabe ou se encontra uma solução imediata para essa crise do campo político é governamental. O mais agravante é que os fantasmas que assustavam os governantes da antiga Florença estão voltando com mais intensidade ao mundo governabilístico atual, pois com a presença existencial da corrupção infiltrada dentro do corpo político e governamental que adoece e fragiliza os governos e traz consigo, o fim de um governante e de seu governo.

Maquiavel já se deparava com tal situação no cenário político de Florença, hoje percebesse que o pensamento de Maquiavel só é visto de uma forma maléfica no campo político e não como uma forma de ajudar aos governantes. Hoje em pleno século XXI nosso campo político se inspira em líderes governamentais que em vez de fazer suas nações prosperarem estão levando e afundando uma futura geração a um rumo de calamidade pública²¹.

hoje, em meio ao cenário político, é perceptível a ação partidária que em vez de agir com boa índole em sua desenvoltura diante do governo fazendo com que o mesmo pudesse alcançar uma instabilidade solida e edificável para poder priorizar o bem comum da comunidade e do estado vem-se acontecendo o oposto, pois os interesses para si próprio falam mais alto, pois hoje os governantes perderam o brilho no olhar da política e acabam redirecionando o seu olhar no brilho do dinheiro, do poder, do bem para si próprio.

O governante para governar no século XXI deve antes de tudo impor seu plano de governo perante a ação partidária de sua nação, freando assim qualquer reação ou movimentação contraio a sua ação de governo, hoje antes de tudo o governante deve usar a força de um leão para que possa ser respeitado perante os outros seres que asseiam obter seu

²¹ A calamidade é vista como grande perda, prejuízo, ou dano, uma situação anormal exercida ou executada a algum órgão.

cargo no governo força essa dosada com a astúcia da raposa, se preparando assim para as manobras e armadilhas que lhes são preparadas, pois o governante deve sempre está em estado de atenção no que faz e no que fala como nos diz Maquiavel

Deve, portanto, o príncipe tomar cuidado para que de sua boca não saiam palavras que não estejam perfeitamente coadunadas com as cinco qualidades e para parecer aos que vêem e ouvem, de todo misericordioso, sincero, de todo íntegro, humanitário, de todo religioso. Nada, aliás, se faz mais indispensável do que passar a impressão de possuir esta última qualidade. (MAQUIAVEL, 1999, p. 111)

O governante deve se desvincular das artimanhas políticas e principalmente da corrupção pois ele não deve nesse aspecto pensar em liderar e governar somente no presente mais sim direcionar seu pensamento para a futura geração da sociedade como nos explica Lauro Escorel

A verdade é que a política depende hoje não somente o destino da sociedade a que pertencemos, mas também o futuro da nossa própria civilização; situação está que não nos permite enclausurar a ética no comportamento estanque de nossa vida privada, mas na força, ao contrário, a expô-la em campo aberto a todos os embates da problemática política contemporânea, pois só desta maneira ela se enriquecerá de substância histórica, provará sua vitalidade ou se revelará contrariamente caduca e estéril. (ESCOREL, 2014, p.33)

Um príncipe não pode preocupar-se apenas com os problemas atuais, mas prever os que poderão atormentá-lo no futuro. Maquiavel (2005, apud NIVALDO JR., p. 165) escreve: “as guerras não podem ser evitadas e, quando adiadas, só trazem benefício para o inimigo”. Nivaldo Jr. (2005, p. 165) complementa essa tese ao afirmar que “a boa informação e a prudência do governante conduzem à decisão acertada, encarando-se logo as realidades desagradáveis”.

Contudo, os homens que fazem parte do campo político e governamental atual se quiserem manter um governo forte, não poderão negligenciar a ação governamental ou cair em uma acomodação. Pelo contrário, os governantes devem ser obrigados a permanência de atenção constante para captar os problemas em seu governo. Hoje, o conselho de Maquiavel, parece ser esquecido pelos governantes que lideram e que governam.

Maquiavel percebe que os administradores possuem mais dificuldade em manter o poder, principalmente porque tendem a realizar inovações em seus novos domínios. Tais inovações acabam com benesses de alguns teoricamente mais fortes, transformando-os em

adversários e inimigos, e aqueles que passam a ser beneficiados são mais fracos. Contudo, atualizando o pensamento de Maquiavel, percebemos que novos políticos dificilmente conseguem o poder devido à grande força política que possuem os antigos e novos coronéis²² contrários qualquer ideia inovadora.

O povo, por sua vez, cria perspectivas de melhora quando há mudanças no poder. Ainda que na atualidade, especialmente no Brasil, tais mudanças andam na contra marcha, isto é, não promovem a sociedade, que não recebeu benefício algum após as últimas mudanças na política nacional, contrariando a mídia ufanista, piorou seu nível de vida, tanto econômico, como político e social. O motivo da degeneração do detentor do poder encontra-se na ausência de preparação do candidato para o cargo destinado. O problema é alarmante em sua consequência maior poucos conseguem permanecer no poder por muito tempo. Faltam, na atual conjuntura política nacional, políticos realmente os preparados para enfrentar a crise de identidade política que assola a sociedade, que destrói a o crescimento do futuro e estanca de vez o desenvolvimento nacional. As mudanças não ocorrem com a simples e constante troca de governante. Urge, de acordo desprende-se do pensamento de Maquiavel, necessita-se um planejamento político a médio e longo prazo O imediatismo é incompatível com a política e com a manutenção do poder em benefício da sociedade.

Outro elemento para manter-se no poder, é o apoio das bases pois as bases são cruciais para o governo andar como o povo, o governante para ser bem-sucedido, assevera o florentino, deve praticar o bem aos poucos, para sempre ser lembrado pelo povo de forma positiva. Agora se for preciso praticar o mal, é preciso que o faça de uma só vez, de forma que o povo se traumatize e logo esqueça este ato de maldade. Essa ação se torna bem presente no campo político brasileiro não na força bruta mais sim em outra demonstração que é inferida a sociedade como na demora em finalizar obras públicas, em muitos casos propositalmente procrastinadas e prolongadas até o período eleitoral²³, pois o governante que está no governo passa seu mandato todo praticando atos de maldade perante a sociedade durante todo seu mandato e no período eleitoral acelera as finalizações das obras simplesmente para que sua ação de maldade seja também rapidamente esquecida pela sociedade.

A Arte de governar é hoje uma das coisas cruciais que o homem anseia em ter, pois nem todo homem é agraciado com esse dom de governar e liderar, esse dom não é dado e

²² Influência dos coronéis na política. comportamento patriarca que, por força do consenso geral de um sistema de obrigações e favores, confunde em sua pessoa atribuições de caráter privativo e público.

²³ Período designado para eleição ou escola dos novos governantes nacionais através da ação democrática da população através do voto.

sim conquistado, prova disso é a pura história que com os seus grandes líderes e invejáveis governadores que governavam com segurança, nobreza, força e valentia, homens que desafiavam todos os limites existências para provar para si e para os outros a sua de capacidade de governar.

É realmente notório que na história da humanidade há quem sempre tome a frente para exercer uma função de governante seja um líder fraco, ditador e cruel, que apenas arranca medo, temor e raiva do seu povo ou seja um governante valente corajoso e virtuoso que desbrava o mundo governamental sem medo de errar, pois aquele governante deverá carregar consigo a paixão de governar, liderar tomar decisões precisas e cruciais para formação e edificação de seu governo.

Maquiavel demonstra isso em sua mais célebre obra O príncipe, com a ação governamental do príncipe César Bórgia, homem que tinha todas as qualidades inerentes de um grande governador. Dotado de força, esperteza, astúcia, e visão de governo, qualidades essas que acreditamos que todos os que atuam ou exercem uma ação governamental deveria ter ou procurar obter. Pois, governante deve ser sempre uma rocha firme para seu governo, e nunca demonstrar ou expressar qualquer ato de fracasso ou de moleza, pois se o mesmo transparecer isso, seu governo e próprio governante será envolvido pela artimanha sorrateira dos homens que anseiam o posto governamental. Hoje, queremos governantes que possam governar com segurança, honestidade, e transparência para com povo, exercendo assim de maneira justa, honesta, e igualitária, sem mascarar a sua real intenção governamental.

Por fim, Maquiavel é um marco uma referência no campo da política, pois o mesmo fez com que o homem conseguisse enxergar muito mais além do que podia. A filosofia maquiaveliana é ponto de partida para uma nova geração política, pois aqui e somente aqui é que os governantes podem encontrar a chave para a solução de seus problemas governamentais. O sonho do homem é saber governar e para isso deve primeiro sair do sonho viver a realidade e por fim, escrever a sua história como um grande governador, só assim nessa busca incessante de governar ele poderá adquirir aquilo que sempre sonhava a arte de governar.

5. CONCLUSÃO

Qualquer tentativa de compressão do pensamento maquiaveliano, como a que fazemos ao longo dessas páginas, deve considerar que há uma íntima relação entre Maquiavel e o contexto histórico em que se situa, supondo a influência do meio social, político e cultural da Itália renascentista. Uma leitura que despreze essa constatação poderá acarretar graves danos no entendimento do que realmente Maquiavel quis transmitir na sua obra *O Príncipe*.

Em suma, a biografia do autor revela um cenário de disputas políticas entre as cidades-Estados italianas, cuja unidade e liberdade estavam ameaçadas constantemente por guerras e invasões externas. Para que o país vivesse na paz e segurança era necessário um governante capaz de conseguir e manter o poder em suas mãos. Pois, a fragilidade política, econômica e social e governamental se tornavam bem presentes no cenário italiano. Com isso, houve a necessidade da desvinculação do pensamento de Aristóteles, Platão e São Tomás pois, os conceitos e as suas indicações para governar não mais davam uma resposta para os problemas inerentes da instabilidade governamental em Florença. Maquiavel discorre seu pensamento partindo da própria realidade política para que o mesmo pudesse dar uma resposta aos problemas do campo político florentino em sua mais famosa obra *O Príncipe*.

Maquiavel acredita que para o governante possua obter a arte de governar se faz necessário antes de tudo que ele construa seu governo em bases sólidas como a Fortuna e a Virtú. Com a plena posse das faculdades existenciais da Fortuna e da Virtú no controle do governante, o seu Estado e soberania se plenifica e se edifica, pois o príncipe agora se torna senhor da sorte e comandante da virtú. Com esses dois elementos o governante adquira assim aquilo que faltava nos primeiros príncipes: liderar e governar sem temer queda ou fracasso algum.

Embora sua visão realista da condução dos negócios públicos seja pertinente, devemos pôr em questão até que ponto o modelo de ação política proposto atende aos anseios mais profundos dos cidadãos, visto também em sua humanidade, para a vida do homem não se reduza a uma cruel competição pelo poder.

Longe de oferecer uma resposta definitiva da questão, o presente trabalho acadêmico pretende lançar uma reflexão sobre as atitudes tomadas por cada ser humano no exercício da política em seu sentido mais amplo e suas consequências.

REFERÊNCIAS

- ADVERSE, Helton. **Reflexões Sobre Maquiavel: 500 anos de O Príncipe**, São Paulo: Loyola, 2015
- BIGNOTTO, Newton. **Maquiavel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.
- BITTAR, Eduardo C. B. **Curso de Filosofia Política**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**. Tradução por Marco Aurélio Nogueira, Paz & Terra, São Paulo, 2000.
- ESCOREL, Lauro. **Introdução ao Pensamento Político de Maquiavel**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2014.
- FERREIRA BARBOSA JÚNIOR. P. **Justiça Política e dignidade humana: Uma abordagem aristotélica no atual contexto americano**, Lateranece. Roma, 2016.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução de: Olívia Bauduh. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- NIVALDO JÚNIOR, José. **Maquiavel: O poder Histórico e Marketing**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- RIDOLFI, Roberto. **Biografia de Nicolau Maquiavel**. Tradução por Nelson Canabarro. São Paulo: Musa, 2003.
- SKINNER, Quentin. **Maquiavel**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012
- WEFFORT, Francisco C. **Os Clássicos da política**. 14ª ed. São Paulo: Ática, 2011.
- Disponível em: <http://tarofacil.net/a-roda-da-fortuna>. Acesso em 17/10/19